

Lucro líquido caiu 76% e despesas dobraram

Estudo mostra estrago da desvalorização sobre resultados de 53 empresas

MARCELO REHDER

Um estudo da Economática, empresa de informações financeiras, mostra o estrago causado pela disparada do dólar nos balanços patrimoniais das empresas brasileiras com ações negociadas em bolsa. Considerando um universo de 53 companhias que já disponibilizaram os balanços referentes ao segundo trimestre de 2002, o estudo indica que o lucro líquido dessas empresas despencou 75,9% em relação ao mesmo período do ano passado, enquanto as despesas financeiras mais que dobraram (125,9%), puxadas pela valorização da moeda americana em relação ao real.

A soma das despesas financeiras líquidas (receita menos despesas financeiras) chegou a R\$ 2,720 bilhões, 150% acima dos R\$ 1,087 bilhão do mesmo período do ano passado, já descontando a inflação medida pelo Índice Geral de Preços – Disponibilidade Interna (IGP-DI), da Fundação Getúlio Vargas (FGV). O valor espelha bem o efeito multiplicador da desvalorização cambial sobre as dívidas em dólar dessas companhias. Ele representa nada menos do que 72,4% da soma de todo o lucro operacional no trimestre, que foi de R\$ 3,755 bilhões. Entretanto, o efeito mais dramático se deu no lucro líquido dessas companhias, que encolheu de R\$ 1,880 bilhão no segundo semestre de 2001 para apenas R\$ 454 milhões agora.

O presidente da Economáti-

ca, Fernando Exel, observa que o desastre só não foi maior porque boa parte das companhias que fazem parte do estudo são exportadoras e conseguem fazer um hedge (seguro) natural contra a elevação do dólar. No segundo trimestre deste ano, elas viram a moeda americana acumular uma valorização de 22,4% em relação ao real. Foi a maior variação trimestral desde os três primeiros meses de 1999, período em que o governo abandonou o padrão de câmbio fixo e o dólar registrou valorização de 42,7%. Entre maio e junho de 2001, a alta foi de apenas 6,6%.

A Aracruz Celulose, com uma dívida financeira de R\$ 2,663 bilhões em junho, exporta 97% de sua produção. Desse total, cerca de 70% são débitos externos, que correspondiam a US\$ 641 milhões no fim de junho. “A exposição da empresa

a passivos em dólar não representa um risco, pois ela possuiu o hedge natural das suas exportações”, diz o diretor-financeiro da Aracruz, Agílio Macedo. Ele observa que o impacto negativo

proveniente da variação cambial dos empréstimos em dólar tem efeito apenas contábil.

Com ações listadas na Bolsa de Valores de Nova York desde 1992, a Aracruz apresentou lucro de US\$ 37 milhões em seu balanço em dólares. Mas, em reais, ela registrou prejuízo de R\$ 101,7 milhões. Macedo pondera que, do ponto de vista econômico-financeiro, as maiores obrigações futuras de pagamento em reais serão mais do que totalmente compensadas pelo crescimento da receita operacional, uma vez que quase a totalidade das vendas é dirigida ao mercado externo.

FIRMAS

EXPORTADORAS
CONSEGUIRAM
PROTEÇÃO

despesas financeiras líquidas (receita menos despesas financeiras) chegou a R\$ 2,720 bilhões, 150% acima dos R\$ 1,087 bilhão do mesmo período

do ano passado, já descontando a inflação medida pelo Índice Geral de Preços – Disponibilidade Interna (IGP-DI), da Fundação Getúlio Vargas (FGV). O valor espelha bem o efeito multiplicador da desvalorização cambial sobre as dívidas em dólar dessas companhias. Ele representa nada menos do que 72,4% da soma de todo o lucro operacional no trimestre, que foi de R\$ 3,755 bilhões. Entretanto, o efeito mais dramático se deu no lucro líquido dessas companhias, que encolheu de R\$ 1,880 bilhão no segundo semestre de 2001 para apenas R\$ 454 milhões agora.

O presidente da Economáti-